

## Humanizar a Educação para Incluir. Contribuições de Josef Pieper para a Formação de Professores

Edileine Vieira Machado<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo apresentar algumas reflexões a respeito da formação de professores para atuarem com a inclusão. Os resultados de pesquisas orientadas e realizadas por nós, nos últimos anos, têm evidenciado a forte preocupação com os objetivos e fins e o esquecimento de formar o profissional capaz de responder à necessidade essencial da humanidade: a boa convivência, a relação entre as pessoas, o sentir-se incluído, parte e sujeito de uma comunidade. Considerar o ser em sua essência é de extrema importância para a efetivação das políticas de formação de professores e, particularmente, para aquelas referentes à inclusão. Por isso, a importância de repensarmos o sentido de universidade, para então, pensarmos numa nova proposta de formação de professores mais humanizada.

**Palavras Chave:** Políticas públicas de educação. Formação de professores. Universidade. Filosofia. Antropologia filosófica.

**Abstract:** This article aims to present some thoughts regarding the training of teachers to serve with the inclusion. The results of research performed by us in recent years have evidenced a strong concern about the goals and purposes and forgetting to form the professional able to answer the essential need of humanity: the good, the relationship between people, feel included, party and subject to a community. Consider being in essence is of extreme importance for the development of teacher training policies and, particularly, to those relating to inclusion. So the importance of rethink the sense of the University, to then think about a new idea about formation of teachers more humanized.

**Keywords:** Public policies of education. Teacher education. University. Philosophical Anthropology.

Para a efetivação da política de educação para todos e do acesso e permanência faz-se necessário profissionais com novas competências para trabalhar com o pluralismo presente nas escolas e universidades. Mas, antes das competências técnicas, de que a maioria das políticas de formação de profissionais têm se ocupado, vale salientar que é importante pensar primeiro na formação do profissional como sujeito e sua relação com mundo do trabalho para depois introduzir métodos e práticas pedagógicas.

Quando falamos da necessidade da formação do profissional como sujeito e sua relação com o mundo do trabalho para depois introduzir métodos e práticas pedagógicas, vale aqui apresentar Pieper (2007), grande filósofo do século XX, para nos ajudar a compreender essa demanda e, ainda, o sentido de universidade e o possível caminho para concretizar a formação de profissionais nessa linha humanista.

Segundo Pieper (1989), a universidade tem como missão, a formação do homem por inteiro, enquanto ser inteligente, sensível e espiritual. Aquele que quer compreender o mundo que o rodeia e o seu papel na existência. A universidade deve formar o educando capaz de elaborar uma crítica pessoal diante da vida, de uma *Weltanschauung* consciente de si mesma. Para isso, são de extrema importância a valorização e a criação de oportunidade de diálogo permanente entre o educador e o educando para que juntos busquem a totalidade (o que exige pensar na visão de homem desses sujeitos). Mas será que isso ocorre em nossas universidades? A universidade de hoje, mesmo diferente *das escolas superiores da cristandade medieval*, ainda deve realizar a *universitas*: “uma instituição que, de modo específico e singular, está relacionada com a totalidade do real, com o mundo como um todo (Pieper, 1989, p. 23)”

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP; Professora do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo – Unicid; coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Inclusão Social – NEPIS ([www.nepis.org](http://www.nepis.org)); coordenadora de cursos do Instituto Sagres – *conhecimento e desenvolvimento*.

Essa concepção de *universitas* já era praticada desde a escola do bosque de Academos de Platão, *uma comunidade de ensino e aprendizagem formada por homens – é o que diz Sócrates na República (486a) – “cuja alma se lança continuamente para atingir o todo e o universal, tanto divino quanto humano”* (Pieper, 1989, p. 23). Segundo Pieper (1989), a universidade expressa a natureza do espírito humano.

O espírito, por sua própria essência, refere-se ao todo da realidade; não é, no fundo, senão aquela capacidade de relacionamento que aponta para a universalidade do real; está capacitado e disposto a entrar em contato (e a manter este contato) com o “em si” de tudo que é (p. 24).

Desse ponto de vista, concluímos que a educação, isto é, a formação do homem só ocorre se for proporcionado o *confronto com o todo do existente, com o todo do real...*

Um homem verdadeiramente formado é alguém que sabe como se relacionar com o mundo como um todo, ainda que (...) esse conhecimento da realidade seja imperfeito (p. 25).

Ainda, segundo o autor, não é a ciência que faz a universidade ser universidade, mas, a *resoluta* orientação do pensamento para o *universum*, para a unidade do conjunto do real; o decidido e persistente esforço de abertura para o todo, que desde sempre tem sido designado e entendido como filosofar.

A ciência é constituída por conhecimentos setoriais, que emergem de enunciados especializados, com aspectos particulares, é uma visão fragmentada de uma parte do todo, mas que não deixa de ser importante, é um “progresso”, desenvolve a objetividade do pensamento com relação à realidade, à disciplina e à sobriedade.

O ato filosófico exige do homem o envolver-se com o problema, ir até o cerne do problema e descobrir o seu verdadeiro sentido e permitir-se a questão do sentido da vida, da morte, da imortalidade, da liberdade...

Todavia, quando acontece de se dar um ato filosófico, ele marca o homem de forma incomparavelmente mais profunda do que a “educação pela ciência” pode ou pretendeu fazê-lo alguma vez. (...) exige-se dele um olhar de profunda e franca ingenuidade, um ouvir em silêncio absoluto, um espírito simples, de uma simplicidade (*simplicitas*) que nada perturba, que alcança o íntimo da pessoa. O que importa, em filosofia, não é apenas possuir aptidões ou aplicar forças. O espírito se vê muito mais obrigado a realizar a sua mais alta possibilidade enquanto ser, muito mais do que limitar-se a fazer o que pode; deve antes tornar-se o que é, a saber, a ter receptividade à totalidade do mundo (p. 37).

Cabe aqui resgatar o texto de Lauand (2010) para compreendermos melhor essa afirmação de Pieper quando afirma: *deve antes tornar-se o que é*. Segundo Lauand (2010), o homem é um ser que *esquece do essencial, da sabedoria do coração, do caráter sagrado do mundo e do homem...* E isso já dizia Píndaro em seu *Hino a Zeus* que resolve oferecer um banquete para apresentar aos outros deuses sua criação do mundo e do homem, o *kosmos*. E, durante sua apresentação, um dos deuses pede a palavra e aponta a Zeus uma imperfeição: *estão faltando criaturas que louvem e reconheçam a grandeza divina desse mundo... pois o homem é um ser que esquece!*

O homem, ele que foi agraciado pela divindade com a chama do espírito, o homem, afinal, saiu mal feito, mal acabado, ele tende ao embotamento,

à insensibilidade... ao esquecimento! É a partir dessa constatação – dessa triste constatação de nossa condição ontológica (também ela hoje, esquecida...) – que edifica toda a educação ocidental (p. 8).

Pieper (1989) apresenta uma proposta concreta de possível oportunidade para o resgate da essência da universidade que é *o debate acadêmico que transcenda as disciplinas e faculdades*. O autor comenta que na universidade medieval existia a *disputatio* que era uma prática do diálogo, em que se considerava a temática sob um ângulo universal, pois não recusava nenhum argumento e nenhum contendor. Santo Tomás de Aquino já considerava a *disputatio* ser o espírito da universidade.

Conforme Pieper (1989), a universidade *se realiza sobretudo no espírito do sujeito singular, que, falando ou ouvindo, participa desse diálogo plural das disciplinas* (p. 45).

Pensando em nossa universidade, em nossos professores, será possível identificar quantas vezes experimentamos esse espírito da *disputatio*? Ou seja, a experiência do diálogo estabelecido entre o professor e os universitários a fim de se aprofundarem na compreensão da essência do ser, do conhecimento ontológico e, a partir deste, a abertura para o todo, para sua relação com a realidade que o rodeia, com o mundo do qual faz parte? De acordo com Pieper (1989),

O que faz de alguém um verdadeiro professor é esta capacidade de participação e, de resto, ainda, esta disposição para fazê-lo. Além de cientificamente qualificado, o professor deve poder reconhecer a relevância de seu próprio trabalho para a reflexão permanente sobre o todo; ele deve ser capaz de introduzir no diálogo filosófico esse conhecimento, sem generalização diletante ou apressada. Isto propõe, sem dúvida, alguma coisa a mais, isto é, que em caso de necessidade ele não se recuse a trazer para o debate as últimas posições. O que no âmbito das ciências especializadas com razão não é permitido, não apenas por ser anti-científico como também por atentar contra a discreção acadêmica, justamente isto torna-se inevitável no diálogo filosófico, à medida que se trata de levar em conta expressamente o “fato completo” sob toda perspectiva de reflexão. (...) O filosofar tem a sua própria forma de discricção. Contudo a mais resoluta simplicidade exige que o professor, como tal, se manifeste necessariamente, quando solicitado acerca do problema da coesão global do mundo (p. 46)

Levando em conta o conceito de universidade e sua missão de formação do homem por inteiro, capaz de elaborar uma crítica pessoal diante da vida e de compreender o mundo que o rodeia é que acreditamos que o caminho para a formação humanista é a contemplação nos currículos de formação de professores a prática do pensamento filosófico e a antropologia filosófica.

Segundo o autor, um domínio central da filosofia é a essência do homem que cabe à antropologia filosófica estudar e também nos ajuda a compreender o que é filosofar. Porém, nos alerta que a questão filosófica não pode ter uma resposta como “verdade acabada”. Pieper explica que filosofar consiste em uma ação na qual o mundo do trabalho é ultrapassado

O mundo do trabalho é o mundo cotidiano do trabalho, o mundo da utilização, da serventia a fins, do rendimento, do exercício de funções; trata-se do mundo da necessidade e da renda, o mundo da fome e do modo de saciá-la. O mundo do trabalho na medida em que trabalho tem o mesmo significado de atividade útil (sendo então simultaneamente

próprio desta o caráter de atividade e de esforço). O processo do trabalho é o processo da realização da “utilidade comum”. Tal conceito não deve ser igualado ao de *bonum commune*: a “utilidade comum”. Ao *bonum commune* pertence, por exemplo, (como diz Tomás de Aquino), o fato de existir pessoas que se entregam à vida inútil de contemplação; que, justamente, *não* se pode dizer que meditação, contemplação, filosofia sirvam à “utilidade comum” (p. 8).

Quanto ao *bonum comune* e “utilidade comum”, Pieper (2007) chama-nos a atenção para esses dados, nos dias de hoje, serem cada vez mais próximos e, com isso, *o mundo do trabalho começa a se tornar, ou ameaça tornar-se, sempre mais exclusivamente o nosso mundo em geral*. O mundo do trabalho passa a ser progressivamente cada vez mais reivindicado e dominado pelos homens e, ainda, nos alerta:

De fato, quanto mais total se torna a reivindicação do mundo do trabalho, tanto mais grave vem à tona essa incomensurabilidade, esse não pertencimento. E talvez, possamos dizer que esse agravamento e esse perigo a partir do mundo real do trabalho são o que caracteriza propriamente a situação da filosofia de hoje, quase mais que sua problemática de conteúdo. A filosofia adquire – necessariamente! – cada vez mais o caráter estranho, do mero luxo intelectual, até do autenticamente insustentável e do que não deve ser levado a sério (p. 9).

As pessoas, nos dias de hoje, com essa sede da produtividade, do consumismo, da promoção, do domínio na sua totalidade, esquecem da essência da existência humana, de pensarem e responderem a respeito de: “quem sou eu”, “de onde vim” e “para onde vou”. Esse cenário é, muitas vezes, repetido naquela Universidade em que a preocupação maior é de formar o profissional altamente qualificado para responder à demanda do mercado. Professores preocupam-se com o conteúdo a ser cumprido, com a técnica que os universitários devem conhecer e aprender a aplicá-la com competência. Muitas vezes, com a preocupação do conteúdo que deve ser ensinado, esquecem-se, ou nem se dão conta da importância de se dar espaço para a contemplação, para o pensar filosófico e buscar o sentido do que se está estudando de novo para sua própria vida e para a humanidade, sem ter medo de não encontrar a resposta.

Desse modo, com as categorias do racionalismo e organização da utilidade surge entre nós a sensação de “não satisfação”, de estar faltando sempre algo para se conseguir a felicidade na sua plenitude, mesmo sendo profissionais altamente capacitados. Daí a importância da filosofia, do ato do pensamento filosófico e da antropologia filosófica para a formação do profissional como pessoa. A questão filosófica que nos remete à essência do ser nos permite a transcendência, isto é, ultrapassar o *limiar que encerra sob si o mundo do trabalho* (Pieper, 2007, p.11).

Para a prática filosófica precisamos deixar-nos transcender para a “não-conclusividade”, para o mundo desconhecido, precisamos sentir e sermos capazes de experimentar o admirável, o que é digno de admiração, o *mirandum*, sem ter medo da incomensurabilidade. A admiração é o primeiro estágio do filosofar, é o *principium* e tem a forma construtiva da esperança, o que mostra o quanto essa pertence à existência humana. O objeto da filosofia é dado ao filósofo na esperança (Pieper, 2007, p. 45).

O administrador do bem comum não pode controlar e, muito menos, regular, formar a relação entre realização do bem comum e filosofia, o que denota a liberdade do filosofar que está intimamente ligada com o caráter teórico do filosofar.

“Teórico”, nesse sentido não enfraquecido, só poderá ser o olhar humano quando o ente, o mundo for-lhe algo mais do que o campo, o material, a matéria-prima da atividade humana. “Teoricamente”, no sentido pleno, poderá olhar na realidade somente *aquela* para quem o mundo é de algum modo digno de veneração, criação final em sentido estrito. Somente nesse solo germina o “puramente teórico” pertencente à essência da filosofia (Pieper, 2007, p. 20).

Vale aqui nos aprofundarmos no conceito de “liberdade” filosófica para melhor compreendermos a importância do ato filosófico na universidade. A “liberdade” da filosofia é que a diferencia das ciências particulares, por não sofrer qualquer sujeição de fins e por não se preocupar com a resposta do “para que” e “a fim de que”.

“O saber é livre em seu sentido especial” – segundo Newman – “quando e nada medida em que é saber filosófico.” Consideradas em si mesmas, porém, as ciências particulares são muito bem e essencialmente “disponíveis para fins”, são essencialmente referenciáveis a uma “utilidade a ser alcançada mediante uma atividade” (tal como Tomás de Aquino diz das “artes servis”) (Pieper, 2007, p. 18).

A liberdade somente caberá às ciências particulares, quando empregada de modo filosófico e isso vale também para a liberdade acadêmica. A liberdade acadêmica não acontece quando o acadêmico tem a pretensão de totalidade do mundo do trabalho e do saber. Será que já tivemos um dia a oportunidade de experimentar essa liberdade do filosofar na academia? Já fomos, um dia, incentivados a vivenciá-la? Como formadores experimentamos a liberdade acadêmica?

De acordo com Pieper (2007), a filosofia, desde sua origem não se entendeu como forma superior e especial do saber, mas como de automoderação.

As palavras *sophia* e *sophos*: **nenhum homem é sábio e sapiente, sábio e sapiente é somente Deus.** Desse modo, o homem pode, no máximo, denominar-se um amante da sabedoria: um *philosophos*. É assim que pensa Platão (Grifo nosso. Pieper, 2007, p. 50).

Vale aqui, novamente, uma pausa para lembrarmos nossa experiência enquanto estudantes e, até mesmo, como formadores: como nos vemos? - Somos sábios ou possuímos a sabedoria de maneira casual e provisória? Na visão de Pieper (2007, p. 50), não possuímos o saber, *trata-se de um eterno ainda-não*.

Essas afirmações de Pieper nos ajudam também a compreender qual a filosofia que permite a transcendência, a abertura para o mundo (visível e invisível).

A verdadeira filosofia funda-se na crença de que a riqueza autêntica do homem não se encontra na satisfação das necessidades, nem em “que nos tornemos senhores e proprietários da natureza”, mas em sermos capazes de ver o que é – a totalidade daquilo que é. A filosofia antiga afirma que essa é a máxima plenitude que podemos atingir: que em nossa alma se inscreva a ordem da totalidade das coisas existente – um pensamento que a tradição cristã recebeu no conceito de *Visio beatifica*: “O que não verão os que vêem aquele que tudo vê?” (Pieper, 2007, p.21)

Ainda, segundo Pieper (2007), somente a filosofia cristã é capaz de realizar-se ao mesmo tempo verdadeira e viva. *O filosofar é uma atitude humana fundamental para com a realidade, só é possível a partir da totalidade da existência humana, o que implica tomada de posição perante a realidade como um todo!* Somente a filosofia

cristã é capaz de realizar a admiração filosófica, isto é, baseada no não-saber, por não ter soluções claras e definidas, mas um grau mais alto que qualquer outra filosofia o sentido do mistério, apesar da Revelação.

Retomando a nossa preocupação com a formação de professores para trabalharem com o pluralismo presente em nossas escolas, com a inclusão, é fundamental estudar o ser, já que ele é o objeto a ser incluído. Quem almeja trabalhar com inclusão, é imprescindível mudar a sua visão de homem, se ainda não a tem “como ser de relações”, isto é, de que o homem não vive sozinho, ele precisa do outro para relacionar-se e para sobreviver.

Pensar em espaço inclusivo, numa visão humanista cristã, é considerar nesse espaço seus aspectos antropológicos, isto é, a pessoa que, necessariamente, precisa se mover, se relacionar dentro de um espaço com as outras coisas e com as outras pessoas que o constituem. A antropologia filosófica, portanto, é que permitirá a compreensão do ser e desse espaço, porque ele é constituído de pessoas que têm uma estrutura universal: corpo, alma (psique) e espírito.

Constituir um espaço inclusivo verdadeiro (*areté*), necessariamente, precisa considerar o *amor*. *Amor*, no sentido de se colocar no lugar do outro, desejar o bem do outro e tratá-lo com equidade e, portanto, com dignidade, para depois buscar técnicas que também são importantes, mas sozinhas não garantem e nem permitem a constituição do espaço inclusivo.

Conhecer a si mesmo como pessoa, considerar o outro também como pessoa que possui desejos, vontades, medos, crenças, permite estabelecer uma melhor relação entre os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e na própria inclusão.

O conceito de educação é originário dos verbos latinos *educāre* (alimentar, criar), com o significado de algo que se dá a alguém e *educĕre*, que expressa a idéia de tirar de, conduzir para fora. Nessa definição, educação é um ato de desenvolver para fora, algo que está na pessoa, por isso, aqui mais uma vez evidencia-se a possível contribuição da antropologia filosófica.

Profissionais formados, primeiramente conhecendo a si mesmos, redescobrimo-se, apresentam-se mais seguros de si, com uma identidade clara para eles próprios e com a visão de homem que necessariamente precisa relacionar-se com o outro para sua sobrevivência e também para o próprio sucesso na nova profissão.

## Referências

- LAUAND, Luiz Jean. **Filosofia, Linguagem, Arte e Educação. 20 conferências sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: Factash, 2007. (Coleção Humanidades).
- \_\_\_\_\_. A virtude como excelência e auto-realização: Ocidente e Oriente. In **NOTANDUM LIBRO**. São Paulo: Factash, Instituto Sagres - Conhecimento e Desenvolvimento: 2010, n. 14, p. 7-15.
- MACHADO, E. V. A exclusão como sinal de desumanização, as falsas inclusões e a inclusão humanista; o tema dos espaços humanos de inclusão. In **NOTANDUM LIBRO**. São Paulo: Factash, Instituto Sagres - Conhecimento e Desenvolvimento, CEMOrOc/EDF/FEUSP: 2010, n. 14, p. 59-70.
- MACHADO, E. V. (Coord.); Mazzaro J.L. **Diálogos com o professor sobre inclusão: fatos e histórias**. Brasília: LGE, 2008.
- PIEPER, Josef. **Abertura para o todo: a chance da universidade. Ensaio**. Tradução e introdução de Gilda Naecia Maciel de Barros e Luiz Jean Lauand. São Paulo, APEL, 1989.
- SILVA, Jair Militão da (Coord.); MACHADO, Edileine Vieira; RESENDE, Flávia Amaral. **Ler ouvir e compreender com as tecnologias da informação (TIC) na perspectiva de inclusão (da pessoa com deficiência visual)**. São Paulo: LTR, 2008.
- SILVA, Jair Militão da. A consideração da dignidade humana como critério de formulação de políticas públicas. In Marclio M. L.; Pussoli, Lafaiete. **Cultura dos direitos humanos**. São Paulo: LTR, 1998. (Coleção Instituto Jacques Maritain).

Recebido para publicação em 09-07-10; aceito em 23-07-10